

# Stadium

N.º 382 ★ 29. MARÇO. 1950 ★ 2\$50

## Seleção Portuguesa de Futebol

que se apresentará em Madrid, no próximo domingo, na 1.ª mão da eliminatória do CAMPEONATO DO MUNDO



BAERIGANA  
(do F. C. Porto)



VIRGÍLIO  
(do F. C. Porto)



SERAFIM  
(do Belenenses)



BARROSA  
(do Sporting)



FELIS  
(do Benfica)



FRANCISCO FERREIRA  
(Camião do Benfica e da  
Seleção Nacional)



JESUS CORREIA  
(do Sporting)



ARSENIO  
(do Benfica)



CARRITA  
(do Olhanense)



FERNANDO CALADO  
(do Boavista)



JOSÉ TRAVAÇOS  
(do Sporting)



CAPELA  
(da Académica)



ALFREDO  
(do F. C. Porto)



SERAFIM  
(do Boavista)



ALBANO  
(do Sporting)



PACHECO NOBRE  
(da Académica)



CARVALHO  
(do F. C. Porto)

# OS PROBLEMAS DO ESTORIL PRAIA

## apreciados pelo presidente da Direcção

O Grupo Desportivo Estoril Praia, com seu nome firmado no panorama do desporto português, com belos e valiosos serviços prestados no transcurso de mais de uma década, viveu recentemente, fase difícil e ingrata.

Hoje, porém, vencidos os primeiros obstáculos e removidas as dificuldades mais graves, a popular agremiação da Costa do Sol marcha confiadamente.

Por isso, havia lógico e natural interesse em pôr os leitores da *Stadium* ao corrente do largo movimento de recuperação que se está operando no Estoril Praia. E, ninguém melhor que o dr. César Moreira Baptista, presidente da direcção do grémio estorilista, poderia falar com inteiro conhecimento.

### O ambiente das últimas assembleias

O dr. Moreira Baptista recebeu-nos amavelmente, e começou por falar do ambiente em que decorreram as assembleias que elegeram a actual direcção, as quais mereceram ao nosso entrevistado as afirmações seguintes:

— A massa associativa do Estoril Praia deu, realmente, uma prova cabal do seu entusiasmo e fé nos destinos do Grupo, nas últimas assembleias gerais efectuadas. Não se poderia, realmente, discutir com mais elevação todos os assuntos levantados no decorrer das suas várias sessões e em qualquer momento outro espírito não se verificou que não fosse o de alicerçar o prestígio da colectividade. Desse ambiente já memorável resultou um movimento de entusiástica unidade que, necessariamente, há-de determinar os melhores frutos. Por outro lado, sentiu-se a vantagem de periodicamente se auscultar a massa associativa para, ouvindo os seus anseios, esclarecer as suas dúvidas, buscar boas vontades e dedicações. E, por isso mesmo, a direcção da minha presidência está disposta, no decorrer do seu mandato, a utilizar a faculdade que os estatutos lhe dão de convocar extraordinariamente, sempre que o julgue necessário, a assembleia geral.

### A situação geral do Estoril

O rumo da entrevista encaminha-se, agora, para a situação interna do Estoril Praia, tema de palpante interesse e acerca do qual muito se tem dito e escrito nem sempre com justiça e conhecimento de causa.

Ouçamos, pois, a este respeito, o depoimento do dr. Moreira Baptista:

— O Estoril Praia é já hoje uma magnífica realidade e representa indiscutivelmente, no desporto nacional, um valor altamente positivo que nos cumpre a todos, que somos desportistas, defender, acarinhar e ajudar a desenvolver. No entanto, como todos os grupos desportivos, tem as suas dificuldades que resultam mais de razões de ordem material que lhe são criadas, do que propriamente de incapacidades e impossibilidades próprias. Quer, pois, isto dizer, que o Estoril Praia tem em si mesmo um potencial de possibilidades que o classifica como um grande clube desportivo.

E, concretizando os seus pensamentos, o nosso amável interlocutor afirma:

— É na realidade curioso que frequentemente se apontem ao Estoril Praia dificuldades financeiras, como se realmente tais dificuldades não fossem, infelizmente, o ambiente, digamos, normal da quase totalidade das agremiações desportivas no nosso país. Certamente, que sabemos a razão de tais comentários e porque surgem tão generalizadas convicções. Unicamente, já é tempo de em definitivo as coisas se porem nos seus devidos lugares: o Estoril Praia, com mais de dez anos de existência, venceu já as hesitações dos primeiros passos. Tem uma massa

associativa cada vez maior, mais entusiástica, dedicada e compreensiva; existe numa região que por si mesma justifica e necessita de um grande grupo desportivo. Os apoios e ajudas que tem tido e estiveram nos seus próprios fundamentos — e que tão desinteressadamente ainda existem — não lhe dão já um carácter ou uma orientação específica: o Estoril Praia tem agora um âmbito regional cada vez mais intenso e uma firme orientação expansionista que sob pena de grave injustiça e clamoroso desconhecimento das realidades não pode nem deve ser desconhecida.

Ao terminar este capítulo, sintetizando o seu ponto de vista, o presidente do Estoril Praia diz-nos:

— A situação geral do clube é, portanto, a que resulta de todo este condicionalismo: clube em manifesto crescimento associativo e a que cada vez mais há-de ser dada expres-



Dr. César Moreira Baptista

são desportiva no alargamento progressivo das suas actividades de ordem desportiva e social.

### A secção de futebol

— Que se passa quanto à secção de futebol?

— O futebol — acentua o dr. Moreira Baptista — tem sido e será a pedra angular de todos os clubes desportivos. O seu poder empolgante criou-lhe um número tal de entusiastas que não é possível deixar de se lhe dedicar o melhor de todas as atenções dentro de qualquer grupo desportivo que tenha tal modalidade dentro das suas actividades desportivas. Daí o cuidado e interesse que às direcções de todos os clubes merece o desporto-rei, na medida até em que com ele e por ele vivem tantas outras modalidades. Logo, o Estoril Praia, longe de ser uma excepção, será um agrupamento forte na demonstração fácil de tais realidades: dos seus grupos de futebol lhe tem vindo um crescente prestígio, o futebol tem sido para o Estoril Praia a modalidade mais absorvente e acarinhada. E tão forte é esta realidade que no decorrer da presente época o nosso clube tem vivido momentos de clara e crescente ansiedade. O seu grupo de honra de futebol, por razões de vária ordem, não

tem tido o comportamento a que nos tinham habituado os seus precedentes êxitos e daí um mal-estar crescente na massa associativa nem sempre compreensiva para certas circunstâncias que peçam mais do que a vontade dos homens.

Após breve pausa, naturalmente propícia a coordenar ideias, o dr. Moreira Baptista conclui tão importante capítulo da forma seguinte:

— Contudo, essa mesma ansiedade que esteve na base do entusiástico movimento de unidade que neste momento se verifica tem já saudável reflexa no próprio comportamento dos nossos atletas: uma vontade mais forte, um moral mais elevado, uma disciplina de esforços sábiamente conduzida pela nova secção de futebol, criaram os meios próprios à reacção que se materializou já em alguns êxitos do nosso grupo de futebol, no decurso desta fase do Campeonato Nacional. O moral da equipa é, como disse, ótimo e tem sido proficuamente aproveitado pelo novo treinador, José Severiano Mota.

### A secção de natção foi reorganizada

Focados nas suas linhas gerais os principais problemas que se prendem com o desporto-rei, passamos, como estava naturalmente indicado, à secção de natção. Dir-se-ia que o nosso amável entrevistado esperava a pergunta, à qual responde com vivo entusiasmo:

— Conforme já é do domínio público, o Estoril Praia vai recomençar a actividade natatória, suspensa durante algum tempo, não só em virtude da época mas, fundamentalmente, porque se desejava reorganizar convenientemente a secção, corrigindo certas deficiências, ordenando melhor os esforços, necessidades e possibilidades.

Com convicção:

— O Estoril Praia nunca pensou, por isso, em extinguir do quadro das modalidades desportivas que pratica, a natção. Sentimos que devemos a nós próprios a obrigação de acarinhar e expandir tão útil e belo desporto. O Estoril Praia vive junto ao mar, tem uma piscina, possui atletas valiosos e uma tradição de tal forma brilhante na modalidade que não poderíamos de forma alguma abandoná-la. Unicamente, repito, com a suspensão referida, teve-se em vista procurar novos colaboradores que tomassem sobre si a orientação da secção tornando-a mais eficiente e menos dispendiosa. Julga-se ser possível, dentro de curto espaço de tempo, alcançar tais objectivos e desde já se afirma que o Estoril Praia estará presente nas competições que dentro em breve se vão iniciar.

### Outras modalidades

— A que outras modalidades pensa o Estoril dedicar-se?

— O Estoril Praia, no sentido expansionista que está tendo, será, cada vez com mais intensidade, um clube desportivo com o maior número possível de actividades. Pensamos, por isso, dentro de curto espaço de tempo, ter organizadas secções dos chamados desportos pobres, tão úteis à cultura física, à boa camaradagem e a uma sã convivência social. Sobretudo, procuraremos aproveitar as magníficas instalações da nossa sede de uma forma mais eficiente. Classes de ginástica, voleibol, basquetebol, ténis de mesa — são secções a criar e a desenvolver.

### O problema do campo

E eis-nos noutra faceta igualmente importante de entrevista: o problema do campo.

— Quando aqui e ali ouvimos, aliás muito

(Continua na página 6)

## Grupos de futebol da F. N. A. T.



O conjunto do Grupo Desportivo Amidez estreante em 2.ª categoria e que se classificou em 1.º lugar na série A, ficando apurado para a segunda final que começou no último domingo. — No primeiro plano da esquerda para a direita: Branco, Viegas, Lemos, Mourão e Hermínio. De pé: Amaral, Antero, Cassiano, Henriques, Carmo e S. Silva.

## ANDEBOL

# TECNICA E TACTICA

### COMO SE JOGA E COMO SE TREINA

#### X — A defesa clássica ou individual

A tática ortodoxa do andebol, naqueles países de maior bol, aquela empregada classe de jogo antes da predominância escandinava e da alteração da regra da deslocação, assentava no sistema individual de defesa, homem a homem, à semelhança do adoptado nas equipas de futebol.

Esta forma de jogar, ataque em W, defesa em M, torna a luta em campo muito mais variada e interessante, desenvolvendo-se por toda a superfície do rectângulo, ao contrário do «muro», que circunscreve a escasas zonas o embate entre a linha atacante e a barreira defensiva.

Muito mais móvel e variada, a marcação individual, cujas bases dispensam pormenorizada descrição, porque todos as conhecem (os defesas marcam os extremos; o médio-centro, recuado, ao avançado-centro e os médios laterais aos interiores) apresenta a vantagem de vedar, desde o início do movimento ofensivo, a progressão livre ao adversário; ao contrário da defesa em linha, onde se espera pelo ataque inimigo a pé firme e em frente da balisa, este sistema de jogo associa a tentativa de reconquista da bola ao primeiro passo do ataque contrário.

As possibilidades táticas do WM no andebol, são de três ordens: 1.º colocar o adversário em deslocação, avançando até ao centro do terreno ou acompanhando de perto a colocação dos atacantes e manobrando de maneira a pôr adiantado, fora de jogo, um dos seus elementos. Tática com seus perigos, só aplicável com absoluta confiança na visão do árbitro e dos juizes de linha.

2.º — Interceptar o passe, manobra a que a marcação de perto dá maiores probabilidades de

êxito, se o jogador se mantiver sempre atento e cuidar do sentido de antecipação.

3.º — Anular o adversário directo. Cada defensor é responsável por um adversário, cuja acção deve contrariar ao máximo, impedindo-lhe a recepção da bola, o seu maneio ou, até, a possibilidade de tomar parte na jogada, barrando-lhe a passagem, pois a lei permite a obstrução, em determinadas condições, ao jogador não detentor da bola (a obstrução ao jogador sem bola é feita com o corpo, de frente, acessoriamente com os braços estendidos lateralmente. Abracar o adversário, mesmo conservando os braços estendidos, é falta).

O defensor, para evitar a possibilidade de passagem, colocar-se-á sempre em frente do atacante a quem marca, na linha atacante-balisa. O técnico francês De Rette aconselha o estudo, em treino, do perfeito entendimento entre os jogadores da equipa, com plano pré-estabelecido de entreaajuda mútua. Por exemplo: se o extremo adversário se escapa à vigilância do defesa-esquerdo, o médio-esquerdo abandona o interior e vai tomar o posto do camarada batido que, simultaneamente, se desloca para substituir o médio junto do interior abandonado.

A marcação individual rigorosa impede os jogadores contrários de desenvolver qualquer iniciativa, desmoralizando-os, no seguimento da acção. Assegura ainda a vantagem de ser lançado imediato contra-ataque em caso de recuperação da bola.

O principal inconveniente a contraíndic-la é a liberdade em que se encontrarão os atacantes antagonistas quando mais velozes do que os defensores encarregados de os guardar.

SALAZAR CARREIRA

## OS MELHORES NADADORES DE 1949

Os dados estatísticos têm sempre para os amadores do desporto interesse especial e permitem avaliar progressos e evolução em cada modalidade, o que é incontestavelmente vantajoso.

Aos nossos leitores a quem a natação importa em especial, oferecemos hoje a lista dos melhores resultados alcançados no ano findo e uma classificação oficial dos países mais fortes no mundo.

É curioso notar que só a Hungria figura entre os melhores conjuntos de nadadores e nadadoras e, também a inferioridade das senhoras americanas, cujos homens mantiveram flagrante supremacia.

100 m., estilo livre: Jany (Fr.) 57 s.; Gibe (E. U.), 58,2 s.; Drapy (U. R. S. S.), 58,5 s.; Kadas (Hung.) e Skanata (Jugos.), 58,4 s.  
200 m., estilo livre: Jany (Fr.), 2 m. 6,4 s.; Smith (E. U.), 2 m. 8,2 s.; Furuhashi (Jap.) e Girde (E. U.), 2 m. 8,4 s.; Matt Mann (E. U.), 2 m. 9,3 s.

400 m., estilo livre: Furuhashi (Jap.), 4 m. 33,3 s.; Mac Lane (E. U.), 4 m. 41 s.; Hashizume (Jap.), 4 m. 42 s.; Smith (E. U.), 4 m. 42,6 s.; Heusner (E. U.), 4 m. 43,1 s.

1.500 m., estilo livre: Furuhashi (Jap.), 18 m. 19 s.; Hashizume (Jap.), 18 m. 32,6 s.; Tanks (Jap.), 19 m. 15,5 s.; Tarada (Jap.), 19 m. 19,3 s.; Csordas (Hung.), 19 m. 21,8 s.

100 m., costas: Stack (E. U.), 1 m. 3,6 s.; Vallerey (Fr.), 1 m. 4,9 s.; Kiewit (Hol.), 1 m. 7,7 s.; Koppelstatter (Aust.), 1 m. 7,8 s.; Brockway (Ing.), 1 m. 8 s.

200 m. braços: Carter (E. U.), 2 m. 30,7 s.; Verdeur (E. U.), 2 m. 31,4 s.; Klein (Ing.), 2 m. 34,5 s.; Jordão (Br.), 2 m. 36,1 s.; Lusien (Fr.), 2 m. 37,8 s.

#### Provas femininas:

100 m., livres: J. Andersen (Din.) 1 m. 5,1 s.; W. Vaessen (Hol.) e J. Temes (Hung.), 1 m. 6,2 s.; I. Schumacher (Hol.), 1 m. 6,4 s.; G. Kraft (Din.) 1 m. 7,5 s.

400 m., livres: E. Szekeley (Hung.), 5 m. 18,2 s.; Schultz (Arg.), 5 m. 24,9 s.; Wood (Ing.) 5 m. 27 s.; E. Holt (Arg.), 5 m. 27,1 s.; G. Andersen (Din.), 5 m. 27,2 s.

100 m., costas: G. Vlema (Hol.), 1 m. 12,8 s.; Van der Horst (Hol.), 1 m. 14,3 s.; K. Harup (Din.), 1 m. 14,7 s.; D. Van Ekris (Hol.), 1 m. 15 s.; G. Galhard (Hol.), 1 m. 15,4 s.

200 m., braços: E. Novak (Hung.), 2 m. 53,2 s.; Vergauwen (Belg.), 2 m. 56,6 s.; Van Vliet (Hol.), 2 m. 57,4 s.; V. Krey (Ing.), 2 m. 57,6 s.; I. Schmidt (Ing.), 2 m. 58,6 s.

Estabelecendo uma classificação internacional por pontuação dos melhores nadadores em cada prova, obtem-se a tabela seguinte:

Provas masculinas: Estados Unidos, 109 p.; Japão, 62 p.; França, 49 p.; U. R. S. S., 25 p. e Hungria, 22 p.

Provas femininas: Holanda, 82 p.; Dinamarca e Hungria, 33 p.; Jugoslávia, 25 p. e Argentina, 16 p.

## NATAÇÃO

# NOTAS SOLTAS

A semana finda deu-nos três novos recordes mundiais. Em Nova Jersey, o nadador Bob Brawner, da Universidade de Princetown, bateu o recorde do Mundo das 200 jardas, de braços, com 2 m. 13,1 s.

O recorde anterior pertencia, desde Março de 1948, ao nadador Joe Verdeur, com 2 m. 14,7 s.

Em New Haven, Connecticut, o australiano John Marshall, estudante da Universidade de Yale, bateu o recorde dos 400 metros-livres, em 4 m. 33,1 s. e o das 400 jardas, também em estilo livre, com o tempo de 4 m. 34,8 s.

O nosso conhecido Maurice Lusien, que o público português pôde admirar, quando da visita do P. U. C., em Setembro do ano findo, bateu em Reims, o recorde da França dos 200 metros-bruços, com 2 m. 36,4 s.

O anterior recorde pertencia, desde 1941, ao nadador Nakache, com 2 m. 36,8 s.

### ESTAMOS

somente a um mês da abertura de mais uma época oficial de natação. No entanto, ainda não se podem traçar quaisquer perspectivas. Estamos ainda, e é pena que assim suceda, em pleno período de assembleias gerais. Mais uma vez se irá cair no inconveniente grave das temporadas anteriores: os trabalhos preparatórios de mais uma época terão que ser realizados em curto espaço de tempo — o que, principalmente, quando não se verifica continuidade directiva — pode acarretar alguns transtornos. Entretanto, a entidade máxima da modalidade, estuda a possibilidade de trazer até nós, no próximo verão, al-

guns nadadores de fama mundial o que, a verificar-se, constituiria acontecimento sensacionalíssimo.

### CONCRETIZANDO

um sonho de há muitos anos, a Federação Portuguesa de Natação, vai, em breve, lançar o seu «Anuário». Trata-se do primeiro número de uma publicação destinada a arquivar, em cada ano, o que de curioso sob o ponto de vista estatístico e de útil sob o ponto de vista técnico aconteceu intra e extra-muros.

Este primeiro número do «Anuário», além de interessantes dados para a história da modalidade, inserirá, na íntegra, as regras de «water-polo» com as alterações que recentemente lhe foram introduzidas.

Série II, Ano VIII = N.º 381  
Lisboe, 22 de Março de 1950

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA

—  
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA ROSA 252-1.ª  
Telefone: 31167 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de  
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

# BENFICA e ORIENTAL na final do CAMPEONATO DE JUNIORES DA A. F. L.



Um benfiquista e um orientalista na luta enérgica pela bola. O pequeno águia levou a melhor



Junto das redes do Benfica a jogada derivada da marcação de um canto resultou um conjunto de atitudes plenas de movimento decisivo



O Benfica e o Oriental, os aguerridos finalistas do campeonato de juniores

**Oriental** — Freitas; Luz e Santana; Fraga, Pinho e Sousa; Mendes, Gonçalves, Graça, Espírito Santo e Abel.

O desafio acabou empatado 2 a 2, e há que apurar o campeão em novo encontro. O Oriental abriu o activo, com um golo de boa marca, em lance de combinação rasteiro. Benfica não demorou o empate. No 2.º tempo, na marcação de um livre, os benfiquenses puzeram-se em vencedores, para mais tarde consentirem o empate.

O valor dos grupos equivaliu-se, talvez

com um pouco de vantagem para o Oriental, team que revelou melhor traça de futebol. O ataque do Oriental destacou-se, mantendo luta viva com o adversário; em contra-partida, a sua defesa, se não constituiu um malogro, também não esteve à altura da final.

Em contraste curioso, o Benfica teve na sua defesa o ponto forte da equipa, ao passo que os dianteiros só raramente ligaram. Dado o nivelamento de valores é difícil vaticinar qual será o campeão.

## O F. C. PORTO triunfou na final do Campeonato de Júniores da A. F. P.

Também no Porto se disputou a final do seu campeonato de juniores. Entre as equipas do F. C. do Porto e do Candal disputou-se esse jogo decisivo que terminou com a vitória do F. C. do Porto pr 3-1



NA Tapadinha efectuou-se no passado domingo um desafio de futebol de Juniores. Nada menos que a final de Lisboa, em ambiente festivo e próprio dos acontecimentos transcendentais. Uma grande multidão, com bandeiras e entusiasmo, seguiu a partida, que, em boa verdade, desludiu um pouco. Arbitrou o sr. Luís Vilaça e os grupos alinharam da seguinte maneira:

**Benfica** — Chitas; Machado e Artur; Gomes, Oliveira e Coelho; Isaac, Arriagas, Onofre, Pina e Alcobia.

# OCTÁVIO BARROSA

É A FAVOR DE 2 SELECÇÕES DIFERENTES  
ADMITINDO A POSSIBILIDADE DE UM EMPATE  
EM MADRID E DE UMA VITÓRIA EM LISBOA



nais de verdade, as obrigações têm que ser inerentes à regafísico e do desejo veemente de sair da vulgaridade. Apaixonado pela beleza que advém do futebol, foi aperfeiçoando as qualidades natas, encetando uma carreira que o dignifica, sempre ansioso por fazer mais e melhor! A perseverança e estoicismo, tiveram justo prémio com a sua primeira chamada à equipa representativa de Portugal, o maior galardão de um praticante da bola, aspiração máxima de qualquer desportista!

Octávio Barrosa, conta quatro «internacionalizações»: duas contra a França, uma contra a Espanha e outra contra a Suíça. Nada se sabe ainda quanto à sua inclusão na equipa que em Madrid, no dia 2 do mês próximo, defrontará a turma espanhola. Todavia, encontra-se em estágio e as provas dadas nos treinos e nos jogos feitos pelo seu clube, têm revelado ótima condição física «reforma» esplêndida. Daí o não repugnar a sua inclusão, que será absolutamente merecida.

Além do futebol, Barrosa praticou atletismo em 1936-1937, tendo sido diversas vezes campeão nacional e regional nas provas de 250 metros e 3 x 250 metros, estreatantes e principiantes, e 300 metros. Na estafeta de 3 x 300 foi 2.º no Campeonato Nacional, em 200 metros, 4.º no Campeonato de Lis-

boa e de novo 2.º em «seniores» na estafeta de 4 x 200 do campeonato regional.

Presentemente está classificado como jogador de 3.ª categoria A, pela Federação Portuguesa de Lawn-Tenis, tendo participado em torneios oficiais e particulares.

Para fecho da rápida biografia que apresentamos, resta-nos apenas dizer que foi também Campeão Nacional de Voleibol em representação do Bairro Escolar do Estoril e campeão regional de reservas na modalidade de Basquetebol, em defesa das cores do Ateneu Ferroviário.

Octávio Barrosa, que vive para o futebol por devoção, por gosto, por idolatria, é um «leão» convicto, um sportinguista que sente intensamente os momentos bons e maus do seu clube, que muito e muito lhe deve.

Começada a troca de impressões, surgiu a primeira pergunta: — Queres revelar as tuas impressões do estágio?

A resposta não tardou.

— Francamente boas. A preparação que temos seguido é excelente e, em meu modesto entender, ainda devia e podia ser mais activa. A nossa permanência no estágio deve ser encarada de frente, porquanto, — porque não dizê-lo sem rodeios — se nos encontramos em regime idêntico ao que teriam os *professio-*

(Continua na página 45)

**N**ÃO foi difícil conseguir que Octávio dos Santos Barrosa, rapaz culto e distinto, nos dispensasse alguns momentos do seu precioso tempo para revelarmos aos fiéis leitores da *Stadium*, o seu pensamento sobre motivos desportivos e, mormente, sobre os futuros encontros que a turma portuguesa terá que realizar.

Depois de um telefonema, o amigo de sempre, aquiesceu gentilmente e foi no seu confortável e moderno escritório, que Octávio nos recebeu com aquela fidalguia própria de um dono de casa, que o sabe ser nos mais ínfimos pormenores.

Enquanto as volutas azuladas de dois cigarros de marca reputada, se perdiam no ar, a conversa começou em tom amistoso, entrecortada de quando em vez pelo retinir da campainha do telefone ou pela funcionária que requeria solícitos esclarecimentos sobre assuntos comerciais do seu ramo de negócio.

Barrosa começou a jogar futebol no Sporting Clube de Portugal, na época de 1935-1936, tendo alinhado pela primeira vez na equipa de juniores do popular clube. Na época seguinte, fez jogos em segundas categorias e na seguinte, ascendeu com carácter esporádico à categoria reserva.

Em 1939-1940, foi chamado à categoria principal por várias vezes, alternando as actuações em reservas e honras. O jeito que desde o começo revelou, foi-se acentuando, a par do seu poder



A selecção nacional de futebol ou já está em terras de Espanha ou chegará lá dentro de poucas horas. O menos que lhe desejo é que represente com felicidade o valor do futebol português.

Que a sua missão é difícil nem seria preciso dizê-lo. Os seus contendores nem primam pela moleza nem estarão dispostos a ceder a privilegiada missão de representar o futebol ibérico no maior torneio mundial de futebol que até hoje se tem organizado.

Mas — até no fado já se diz se «viram para aí uma senhora chamada Sorte»...

Nun apice, todo o laborioso trabalho dos seleccionadores, que durou meses, pode ter fim bem diverso do que se entendia possível. Ruirá. E serão certos, então, os remoques de quantos de nós nos julgamos habéis para o desempenho da missão que os outros não tenham cumprido...

A escolha de um grupo nacional é sempre altamente difi-

## CANSEIRAS DO GRUPO NACIONAL

cil, sobretudo, num país como o nosso onde o definitivo nunca existe. Aquela coordenação de esforços que poderia valorizar técnica e taticamente os futebolistas portugueses não se vê que exista. Requer-se apenas a três homens que organizem o que os restantes nunca pensaram organizar. E depois, por qualquer defeito ou virtude que as águas do Mediterrâneo nos dão, a ponderação não chega nunca...

Ora, quem sabe se da minha parte também haverá um pouco de influência do tal mar?

Certo tenho eu que há um mundo de coisas a impedir o trabalho livre do seleccionador. Não preciso referi-las porque todos que por cá andam o sabem e dizem — mesmo que seja só à boca pequena.

A influência dos homens não é o mal menor. Em meu crité-

rio muitos jogadores de classe se perdem nesta luta, digamos, política que se tece sempre que um dirigente se prepara para o difícil encargo de seleccionar. Outra circunstância que muito pesa também é o receio, aliás, compreensível, de não queimar abruptamente possibilidades de ascensão. Isso leva o seleccionador a arriscar muito pouco. Não há audácia, em suma, aquela audácia que o guerreiro célebre recomendava para vencer os trabalhos.

Em Portugal, no momento presente, a Federação de Futebol não parece ter ligado ao caso da eliminatória para Taça do Mundo o interesse que todos nós pensávamos que iria dar. O problema financeiro é muito mais premente — ao que parece...

Já não há dúvidas de que o que está feito está feito, e, mal ou

bem, não há alterações que possam dar-se para possibilitar uma maior eficiência ao trabalho de todo o ponto difícil que incumbe aos seleccionadores. Fica para dar-se a tal batalha de imprensa a que já me referi por mais de uma vez e que terá início no princípio da próxima semana. Pela certa...

Pená é, e continuará sendo, que os verdadeiros responsáveis não hajam podido acompanhar os trabalhos da selecção de molde a ser legítimo afirmar-se que todas as hipóteses foram encaradas e que nada mais era lícito fazer-se...

Pená também que sejam alguns dos jogadores os que virão a pagar culpas que não são inteiramente suas. Eu já vi em terras de Espanha um jogador que correu durante hora e meia atrás da bola, desgraçado, penosamente, e nunca a viu. Fez-me pena! Mas paciência!...

MARIO SANTOS

## A FUSÃO DO "ESTORIL" COM OUTROS CLUBES DA LINHA NÃO É IMPOSSÍVEL

— afirma o sr. dr. CESAR BAPTISTA

(Continuação da página 2)

justamente, referências desagradáveis ao nosso campo atlético elas não vão além daquilo que nós próprios pensamos e sentimos. Simplesmente, construir um bom campo de desportos — e quando digo bom refiro-me a um mínimo de condições técnicas sem incluir nelas quaisquer obras mais ou menos decorativas ou simptomáticas — não é empreendimento que possa iniciar-se de ânimo leve e, muito menos, no condicionalismo da vida material da esmagadora maioria dos clubes portugueses. Aliás, o mesmo problema aflige grupos desportivos muito mais antigos do que o nosso, certamente com maiores possibilidades materiais, e a verdade é que continuam a possuir as mesmas deficientes instalações que utilizam desde há longos anos.

— Perfeitamente. Nesse caso, o Estoril...  
— O caso do Estoril Praia só poderá ser resolvido através das autarquias locais do concelho de Cascais, construindo o seu Estádio Municipal. O assunto não é novo e tem estado de certo modo equacionado; contudo, a época difícil que vivemos, por um lado, e por outro as naturais dificuldades que surgem em empreendimentos desta natureza, têm hesitado a materialização inicial do projecto. Nestas condições, e quanto ao Estoril Praia, o caso do seu campo tem que ser encarado à luz das seguintes realidades: impossibilidade imediata de, com os seus próprios recursos, construir qualquer outro campo de jogos; um prazo que se prevê ainda de larga duração para a construção de um Estádio Municipal que eventualmente venha a utilizar. Assim, fica-nos como única solução possível o arranjo das nossas próprias instalações por forma a deixarem de ser o que são, introduzindo-lhes os melhoramentos compatíveis com os nossos recursos e boas vontades que consigamos reunir. Para tal fim contamos com a boa vontade de sempre do ilustre presidente da Câmara Municipal de Cascais, com a Junta de Turismo e com o Ministério das Obras Públicas. E que, de facto, este caso do campo de jogos do Estoril Praia não pode separar-se do bom nome do concelho e do que ele representa como zona turística.

### A situação financeira

Outro ponto se impunha focar, dada a sua primordial importância em todas as colectividades: a situação financeira.

— Enquanto não forem revistos os encargos que recaem sobre os grupos desportivos, é evidente que a sua situação financeira há-de ser sempre precária. Por outro lado, a falta de regulamentação do falso amadorismo do futebol ou do profissionalismo mascarado, que é hoje a realidade evidente nos praticantes daquele desporto, trazem encargos por tal forma onerosos e compromissos tão avultados que é praticamente impossível, contar com uma vida clubista calma em matéria financeira. O Estoril Praia está, pois, na situação resultante destas realidades. Contudo, é bom frizar, a situação não é pior do que a que tinha e com certo optimismo se poderá dizer que mostra tendências para melhorar na medida em que é ainda possível reduzir algumas despesas e aumentar a cotação pelo alargamento do número dos seus sócios e o voluntário aumento de cotizações por parte dos que já o são. E esta afirmação não é simples desejo porque ultimamente se têm verificado ambas as circunstâncias num ritmo satisfatório.

### Projectos... O problema da fusão

A entrevista já vai longa. Há, realmente, necessidade de a encerrarmos. Entendemos, no entanto, que seria interessante não perder a oportunidade de auscultar, também, quais os projectos do Estoril. E, caso curioso, à nossa pergunta, o dr. Moreira Baptista respondeu, também, com outra pergunta:

— Depois do que já se disse será ainda necessário dizer quais são os projectos da direcção? Queremos a unidade da massa associativa; interessá-la, cada vez mais intensamente no futuro da sua colectividade; trazer para nós todos os habitantes desta região, ligando-os à vida do seu grupo desportivo de maior nomeada. Feito isto, o resto será a consequência lógica dessa expansão.

Arriscamos, ainda, nova pergunta, a última desta já longa série:

— E quanto à projectada fusão?

— O assunto é delicado e difícil, principalmente na medida em que a resposta possa fazer supor compromissos ou ser determinante de eventuais especulações acerca de intenções ainda mal definidas. Contudo, sempre lhe direi que julgo boa solução o agrupamento numa só, de várias agremiações desportivas de uma mesma região. E inútil será juntar toda a série de argumentos que é possível desenvolver na defesa desse ponto de vista. Mas... uma coisa é a apresentação, digamos teórica, dos prós e contras de tal problema e outra é a sua realização prática. S. contudo, sou dos que entendem que deve tentar-se a fusão, na medida em que será a única forma de se conseguir uma instituição desportiva com expressão adequada às possibilidades e valor do nosso concelho.

— No entanto, sr. doutor, será possível a fusão?

— Se se entender que ela significará o agrupamento de todos os clubes do concelho, dir-lhe-ei que pessoalmente julgo-a difícil, mas não impossível. Contudo, considero-a inteiramente viável em relação a algumas colectividades. E isto porque é útil. Útil para o Estoril Praia e para certas colectividades que não vivem mas vegetam sem qualquer finalidade que não seja o de alimentar umas vezes bairrismos sem interesse, outras de dar satisfação a vaidades que de nada servem.

E concluindo o seu pensamento, que é, simultaneamente, o fecho da entrevista, o presidente do Estoril afirma:

— Que o Estoril Praia deseja a fusão viu-se nas últimas assembleias gerais nas quais claramente se emitiram votos nesse sentido. E porque estamos suficientemente esclarecidos do que valemos e podemos fazer, creia-se que não iremos tentar tal fusão colocando-nos na situação de superioridade antipática de quem pretenda ditar leis. Antes pelo contrário, pretendemos pôr a fusão em nível igual para todos, fortalecida na razão que nos assiste de desejar para o concelho de Cascais e para a Costa do Sol, o Grupo Desportivo que merece e pode ter no campo da vida desportiva nacional.

ABREU TORRES

# PROBLEMAS DO FUTEBOL

O problema da rapidez em futebol levanta imediatamente o problema da «execução».

Na realidade, deverá a rapidez ser sacrificada a uma execução totalmente perfeita ou esta preterida em favor daquela?

A questão tanto pode ser posta a um jogo de movimentos lentos e, portanto, primoroso no trabalho de sujeição da bola, como a um jogo veloz e, por consequência, menos preocupado com os mil e um pormenores que, por força, têm de ser observados no primeiro destes casos. Ela constitui um dilema do presente, imposto pelos novos caminhos que as táticas abriram ao futebol, se não um pouco pela preparação física das equipas que, de uma maneira geral, é mais completa ou, pelo menos, mais insistente, em relação a qualquer outra modalidade.

Aliás, reconhece-se hoje que nem a velocidade é inacessível a uns, nem a execução mais perfeita estará vedada a outros.

A transformação está a operar-se em cada um deles. A tendência que conduz os conjuntos de jogo lento para a rapidez e os de jogo rápido para um melhor domínio de bola, ressuma dos seus próprios anseios, pois enquanto os primeiros buscam a velocidade, os segundos procuram aperfeiçoar-se nos aspectos da execução.

Se, em rápida análise, já se disse que o problema resultou das duas grandes forças que hoje animam o «association» — as táticas e a intensificação e valorização das qualidades atléticas dos homens que o praticam — não deixa de ser necessário considerar outras causas.

Sendo o futebol um jogo de rapidez, uns procuram alcançá-la pela velocidade pura, enquanto outros pensaram integrar-se pela execução perfeita.

Esta encerra também velocidade, uma velocidade que não é apenas teórica, mas verdadeira. Um jogador que saiba submeter a bola, torna-se para o jogo um factor de maior importância do que um jogador rapidíssimo que não a saiba dominar.

A verificação destes dois simples factos é que terá determinado o que poderemos, à primeira vista, chamar os casos regressivos do futebol veloz em busca da boa execução e do futebol moderno na conquista da rapidez.

Sem dúvida, uma execução perfeita implica uma certa moderação — no momento do «controle».

Simplemente, no futebol moderno, essa moderação deixou de ter «menos tempo», para ganhar um ritmo muito mais apressado.

Talvez por esta razão se afirme que os jogadores de agora não possuem em tão alto grau o domínio dos segredos do «controle» de então.

Mas — perguntamos — não terá a velocidade enriquecido o jogo na sua movimentação global?

E não terá a velocidade trazido consigo uma nova técnica de execução?

Mais simples ou mais difícil? A rapidez valorizou, especialmente, a desmarcação que é, na actualidade, a primeira e a maior virtude do jogo. E valorizou o remate.

Operando na técnica de conjunto profundas alterações, operou-as com importância e nível iguais, na própria individual, de modo a torná-la menos complicada e menos laboriosa, no fim de contas, mais singela e mais fácil...

Longe de esgotada, a questão merece e terá de ser debatida. A ela voltaremos.

ADRIANO PEIXOTO

# A XV Volta a Portugal em bicicleta

é organizada pelo «Diário do Norte» disputando-se de 27 de Julho a 13 de Agosto

A prova é de tal maneira importante, que tudo quanto com ela se relacione interessa à opinião pública, suscita paixões e despertou curiosidades.

A Volta a Portugal em bicicleta foi anunciada pelo seu provável organizador, o nosso camarada «Diário do Norte» e imediatamente apareceram os primeiros comentários críticos, censuras, consequências do conflito de interesses morais que em seu torno se desenvolve.

O fracasso, ou pior talvez, da Volta do ano passado, cujas responsabilidades ainda se não averiguaram oficialmente pela falta de elementos de juízo apresentados por quem exerceu funções de representação dos organismos dirigentes, pesa com negras sombras sobre os projectos delineados.

O prestígio do ciclismo português, não hesitaremos mesmo em dizer o prestígio da popularidade desportiva nacional, exigem que se acutele a futura organização, dando-lhe — como é o caso — as mais sólidas prévias garantias administrativas e eliminando da dirigência técnica os erros, as deficiências que desacreditaram a prova de 1949.

A Federação, promotora da última Volta, ainda não entregou os prémios respectivos porque se encontrou, no seu final, com um prejuízo superior a noventa contos; e porque o caso já não é inédito, embora estejam esquecidos factos idênticos aos que agora tão áspidamente se censuram, compreendemos e aceitamos sem rebuço, o empenho da entidade máxima do ciclismo em encontrar para este ano uma solução que lhe facilitasse a liquidação dos compromissos anteriores.

Cremos que a Volta se fará; ela é indispensável ao ano desportivo nacional. O exemplo pre-

cedente não está esquecido e, certamente, ainda que o quisessem esquecer, ele seria lembrado por quem de direito.

A Volta a Portugal em bicicleta vai ser organizada de novo este ano. A sua popularidade, o espectáculo movimentado que sempre proporciona, a luta emotiva a que dá lugar em dias sucessivos, tudo isso contribui para a necessidade da sua realização — e para o seu êxito. Apareceram desta vez duas entidades a procurar a organização de grande prova. A Federação Portuguesa de Ciclismo deu, porém, preferência à proposta apresentada por intermédio da Associação de Ciclismo do Norte, que envolve compromissos de liquidação do défice da Volta de 1949.

«Diário do Norte», que conta com a cooperação técnica da Associação de Ciclismo do Norte, começou já a preparação da Volta a Portugal, revelando até o propósito de consultar os clubes interessados acerca de algumas disposições. E assentou nas linhas gerais para a corrida ainda que falte esboçar o itinerário.

A organização não difere grandemente do que é tradicional na Volta. Como de costume, será disputada individualmente e por equipas, reduzindo-se todavia o número de corredores de cada equipa. Só se disputarão voltas complementares, em etapas, quando houverem recintos fechados de instalação adequada. De entrada, prevê-se somente o aproveitamento das pistas do Lima e do Lumiar.

A partida e a largada registar-se-ão no Porto. A inscrição é por convites. Por parte dos clubes portugueses, prevê-se, desde já, convite aos seguintes clubes: Porto, Académico, Boavista, Salgueiros, Sangalhos e Clube Ciclista da Maia, no Norte, e Benfica, Sporting, Campo de Ourique, Louletano e Tavira. A inscrição, para corredores portugueses, é reservada a independentes. Poderão tomar parte clubes estrangeiros, mas com equipas limitadas a 4 corredores. Há também classificação especial para o Prémio de Montanha.

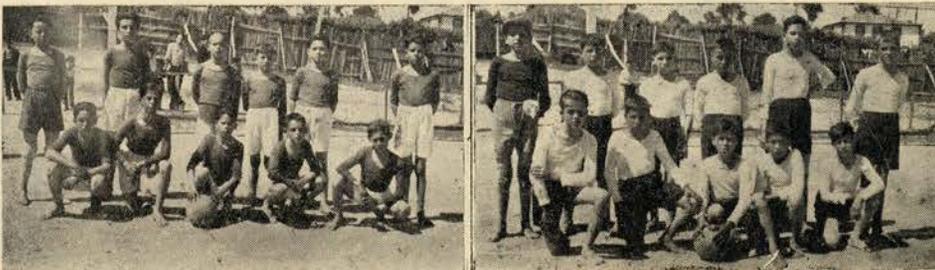
★

JOSÉ DEVEZAS

Esteve na nossa redacção, acompanhado do camarada Monteiro Poças, o nosso velho amigo e jornalista de muito merecimento, José Devezas, redactor do «Diário do Norte», que se deslocou a Lisboa para tratar de assuntos concernentes à Volta a Portugal em ciclismo.

Agradecemos a visita e reafirmamos uma velha e muito amigável camaradagem.

# A EXPANSÃO DO FUTEBOL



O Sport Clube de Freemunde mantém uma actividade desportiva de relevo, figurando nas suas preocupações o ensino do futebol a jogadores infantis. António Leão Torres prepara cuidadosamente novos elementos, numa escola bem orientada. Publicamos os grupos Sul e Norte, de Freemunde, onde há «pequenos» que se revelam habilidades

# O FILME DO ESTAGIO



Um grupo de seleccionados saem do hotel para um passeio pelos agradáveis recantos do Estoril. Acompanham-nos o seleccionador Salvador do Carmo e o treinador Ted Smith



No hall do hotel. Um momento de repouso



Visita de família, desta vez foi para Serafim, do Belenenses



Cabrita surpreendido num momento de concentração



Francisco Ferreira, Cabrita e Pacheco Nobre entram num joguinho



Todos os momentos servem e se aproveitam para troca de impressões entre o seleccionador e os jogadores



A hora da refeição. Bem apetite e boa disposição. Preside Ted Smith



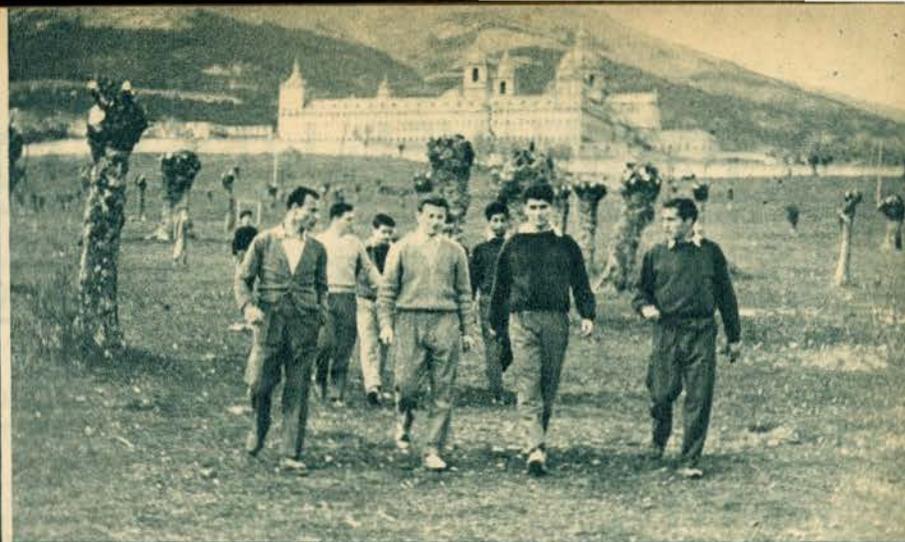
Capela, o guarda-redes da nossa primeira vitória sobre os espanhóis, em dois momentos no Estádio. Um pouco de repouso e leitura amena e em pleno treino



No Estádio do Vale do Jamor, em pleno treino. Uma prova de marcha

# A EQUIPA Espanhola prepara-se no Escorial para receber a selecção Portuguesa

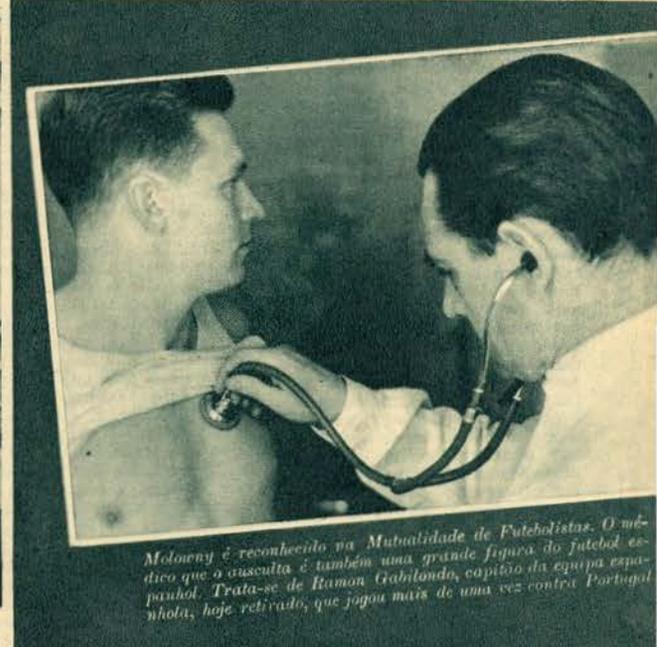
Crónica de RAMON MELCON



Um grupo de seleccionados espanhóis em plena marcha pelos arredores, no seu estágio, tendo por fundo o famoso monastério do Escorial. Da esquerda para a direita, no primeiro plano: Navarro, Gonzalez II, Parra e Siqui. No segundo plano: Moloney, Hernandez e Silva



Da esquerda para a direita: Parra, Rivera, Ijua, Eizaguirre, Puchades e Acuña realizam exercícios de saltos no jardim do hotel onde se hospedam no Escorial.



Moloney é reconhecido na Mutualidade de Futebolistas. O médico que o ausculta é também uma grande figura do futebol espanhol. Trata-se de Ramon Gabrilonda, capitão da equipa espanhola, hoje retirado, que jogou mais de uma vez contra Portugal

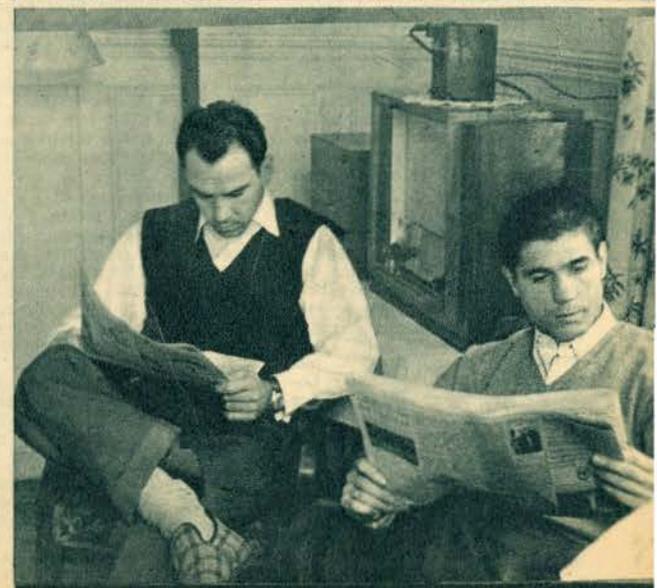
**O** mesmo que sucede em Portugal passa-se agora em Espanha onde só se pensa — referimo-nos aos sectores desportivos, claro está — no próximo desafio entre as selecções de futebol de ambos os países. Entre os aficionados e entusiastas, entre a gente da rua, discutem-se grupos nacionais, critica-se, como sempre, os seleccionadores e técnicos pelas linhas efectuadas, e fazem-se prognósticos mais ou menos optimistas sobre possíveis resultados. E, sobretudo, luta-se com um entusiasmo digno de melhor sorte, para conseguir uma entrada para o desafio. A distribuição que fez a Federação Espanhola não satisfiz ninguém, naturalmente, pois a única maneira de satisfazer toda a gente seria dispor de um estádio com capacidade para duzentas mil pessoas. E mesmo assim não faltaria algum amigo que viesse pedir a quem mantem algum contacto com os meios oficiais desportivos, que lhe arranjasse umas tribunas da fila tal e dos números tal e tal.

Tudo isto é, simplesmente, o ambiente vulgar à volta desta classe de partidas, exagerado ainda mais nesta ocasião por tratar-se de um encontro que decide para a classificação do Campeonato do Mundo.

No que se refere aos meios federativos há calma absoluta. Ninguém diz nada, ninguém sabe nada e tudo são suposições no que respeita à selecção espanhola. Sabe-se unicamente que no Escorial há vinte homens entregues ao cuidado e vigilância de Benito Diaz, preparador nacional, e sob a inspecção do seleccionador Guilherme Eizaguirre, ao qual assistem os membros do Conselho Técnico, srs. Gutierrez Alzaga, Eduardo Teus e Lasplazas. E que desses vinte sairão os onze que defrontarão no próximo dia 2 de Abril a equipa portuguesa no terreno de Chamartin.

Mas no que respeita à formação do conjunto — nada. Absolutamente nada. Cada qual faz as suas contas, supõe, calcula, analisa, e, por fim, acaba por

*(Continua na pág. 40)*



Zarra e Gáinza no Escorial descansam dos treinos, que são duros e intensos

# A PROVAVEL LINHA DE ESPANHA

## 20 jogadores foram convocados para formar o Onze

### As maiores dúvidas estão na designação do defesa esquerdo

(Continuação da página 9)

concluir que não sabe nada de concreto. Ainda que não seja segredo para ninguém, dada a forma acusada ultimamente pelos pré-seleccionados, qual seja a mais provável selecção.

Nas balizas ninguém se atreve a discordar da inclusão de Ignacio Eizaguirre. Com o guarda-redes de Valência ocorre algo de semelhante como quando Zamora jogava. Podia estar de baixo de forma, convascente de lesões ou sem estar restabelecido totalmente de alguma doença. Fosse como fosse, o posto de guarda-redes nacional era para ele. A confiança que dava aos seus companheiros, a segurança e o saber do grande guarda-meta, e a influência que exercia o seu nome entre os diantistas contrários, eram títulos mais do que suficientes para que fosse sempre o escolhido. Eizaguirre é, pois, o Zamora desta época. Não queremos fazer comparações entre um e outro jogador. Mas é indiscutível que o homem mais apto no momento actual — sobretudo, uma vez afastado Bañon, a quem uma doença pulmonar separou definitivamente do futebol — para defender as balizas da equipa espanhola. Porque o facto de estar afastado durante vários meses da equipa de Valência, não é razão para duvidar das suas condições.

Perez cumpria em tão difícil posto, que lhe foi confiado quando Eizaguirre se magoou, e Quintoces, treinador da Valência, não quis introduzir modificações no conjunto apesar de Eizaguirre haver recuperado totalmente a sua forma e facultades. Trata-se de um caso semelhante ao de Querejeta quando formou na selecção espanhola apesar de ser suplente de Clemente na equipa do Real Madrid.

Acuña é outro guarda-redes convocado. De suas condições não se duvida. É um homem seguro, valente até o exagero, com experiência e *aficcion*. Um bom substituto de Eizaguirre no momento oportuno.

A linha defensiva parecia, em princípio, estar formada por Riera ou Asensi, Antunez e Lozano. Mas estes dois últimos ficaram magoados há tempos e não se pode contar com eles com segurança. Antunez começa agora os seus treinos, o que lhe tira possibilidades de jogar no dia 2. Para *depots*, dependerá da forma que revele nas provas que com ele se façam. Quanto a Lozano, magoado em choque com o seu

guarda-redes, Domingo, esteve semanas de treino e parece que está bem; mas só alinhará se não houver dúvida nenhuma sobre o seu rendimento.

Como foram convocados, além de Asensi, Riera e Lozano, Gonzalvo II, Navarro e Parra, tudo faz supôr que a linha mais provável seja a de Asensi, Riera e Gonzalvo II. Este último sob reserva do que se decidir quanto a Lozano. E fica Parra como suplente do defesa central, e Narro, também para a esquerda. Bons jogadores todos eles.

A linha média é a que oferece menos dúvidas.

Afastado Muñoz, por abaixamento de forma, ficam somente Gonzalvo III, Puchades, Ontoria e Silva. Este último, magnífico no seu novo posto de médio volante, em que rende muito mais que no ataque. Ontoria é o homem batalhador, incansável, energético e pegajoso, em que se pode ter a absoluta confiança. Mas a classe deve impôr-se quando a acompanham também a alma e o entusiasmo. E este é o caso de Gonzalvo III e Puchades, os triunfadores de Dublin e Paris, muito regulares nas suas actuações durante a temporada, justificando a sua incorporação na equipa.

E chegamos ao ataque, a linha incógnita. A opinião geral da Espanha inteira é a de que a linha defensiva seria mais difícil de formar que nenhuma outra. Em todo o caso, no ataque, haverá mais trabalho para achar a combinação precisa para que o quinteto funcione sincronizadamente.

Em Espanha, como em todo o mundo, os interiores são a base fundamental de toda a equipa e sistema. E são também os interiores que custa mais a encontrar.

Em Espanha temo-los e bons. Não se pode discutir a classe excepcional de Molowny, homem que pode decidir um desafio, como em outros tempos fizeram Samitier, Rubio e Herrerita... Nem a de Panizo, seguramente o melhor, o mais completo interior espanhol, mas que nos desafios internacionais não teve até agora muita sorte, se se exceptuar o encontro com os franceses em Paris, donde actuou, apesar do seu destreino, de modo excelente.

Quanto ao resto do ataque, ninguém, ou quase ninguém tem dúvidas: Basora, o herói de Irlanda e França; Zarra, sempre em forma e sempre disposto a batalhar sem descanso

para alcançar um triunfo, e internacional mais internacional sem jogar um mês. Tem já duas dos nossos jogadores, são os que contam com o sufrágio de noventa e cinco por cento dos adeptos. Como suplentes podem estar Igoa, Seguí, Hernandez, todos de classe provada no decurso de várias temporadas.

Quer dizer que, a julgar pelos nomes citados, pela forma actual de cada um dos jogadores e pela sua respectiva classe, a equipa que parece mais provável para o primeiro choque com os portugueses é a seguinte:

**Eizaguirre; Asensi, Riera, e Gonzalvo II; Gonzalvo III e Puchades; Basora, Molowny, Zarra, Panizo e Gainza.**

E damos a formação deste modo porque julgamos que Molowny, apesar de jogar no Real Madrid a interior-esquerdo, é homem que rende o mesmo a um e outro lado. E deste modo continuaria intacta a asa Panizo-Gainza, a do Atlético de Bilbao, agora em grande forma.

Como dado informativo, damos os clubes a que pertencem os vinte jogadores convocados, pois há alguns que são pouco conhecidos entre os desportistas portugueses:

*Guarda-redes* — Inacio Eizaguirre (Valência) e Acuña (Desportivo da Corunha).

*Defesas* — Asensi (Valência), Riera (Atlético de Madrid), Gonzalvo II (Barcelona), Lozano (Atlético de Madrid), Navarro (Real Madrid) e Parra (Espanhol de Barcelona).

*Médios* — Gonzalvo III (Barcelona), Puchades (Valência),

Silva (Atlético de Madrid) e Ontoria (Real Sociedade de S. Sebastian).

*Avançados* — Basora (Barcelona), Molowny (Real Madrid), Zarra, Panizo e Gainza (os três do Atlético de Bilbao), Igoa (Valência), Hernandez (Espanhol de Barcelona) e Seguí (Valência).

A equipa que conta com mais seleccionados é a do Valência, que tem cinco. Seguem-na o Atlético de Madrid e o Bilbao, com três cada um; o Desportivo Espanhol e o Real de Madrid, com dois. E com um, a Real Sociedade e o Desportivo corunhês.

Com estes homens aspira Espanha a eliminar Portugal do campeonato mundial. Os factos, nos dias 2 e 9 de Abril, e eventualmente a 16, dirão se há fundadas esperanças. Esperanças, entenda-se bem, não confiança nem optimismo exagerados. Sabe-se o que vale Portugal, o muito que haverá de lutar de uma e de outra parte para seguir a diante no caminho do Rio de Janeiro, e como é sempre difícil fazer cálculos nas coisas do futebol. Supomos que os encontros serão acontecimentos memoráveis. Mas quanto ao seu resultado, ninguém pode falar antecipadamente sem perigo de cometer grave erro. E unicamente cabe desejar que a luta, em Madrid, em Lisboa, e em França, se se chegar a essa hipótese, seja forte, viril e briosa, mas nobre, correcta e cavalheiresca, como é apanágio das duas nações que vivem no solar ibérico.

RAMON MELCON



Silva, Molowny, Zarra, Acuña, Panizo e Gainza passeiam nas ruas do Escorial, a caminho da Serra próxima. A frente deles segue o treinador Benito Diaz.

## UMA EQUIPA ALEMÃ NO PORTO

O andebol portuense, verdade se diga, está apenas dependente de duas ou 3 equipas: Porto, acima de todos, o Vilanovense, o Vigorosa e pouco mais. O que é lamentável. Temos tido o cuidado de assistir a alguns encontros do campeonato regional da modalidade, e já vimos que um grupo, o do Salgueiros, apresentou em campo 8 jogadores, para chegar a 5 e abandonar o campo no fim da primeira parte; o Leça, apresentando recentemente 9 homens — acabou o desafio derrotado por 28-21.

Não está certo que os clubes, salvo honrosas excepções, se dediquem sem entusiasmo a um Desporto que tem vindo no Porto sem discussão de qualquer natureza. Se a Associação não chamar a atenção dos clubes para o descalabro, veremos afundar irremediavelmente a modalidade que já teve o seu público fiel e entusiasmado.

Agora se anuncia, para os dias 2 e 4, a visita de uma forte equipa alemã, e para lhe opor contamos com o F. C. Porto, campeão nacional, e a equipa representativa da cidade — o F. C. Porto reforçado. Esta tentativa dos campeões val ser com certeza bem apreciada, mas torna-se necessário que o desinteresse dos outros seja excluído de vez. A não se dar isso, não ficamos de fiador pelo futuro de um Desporto que trouxe para a cidade o mais belo dos prestígios.

## MAGOA DOS ADEPTOS

NÓS queremos compreender a mágia da população associativa do F. C. Porto, que no penúltimo domingo assobiou largamente a equipa do seu clube, na segunda parte do jogo contra Braga. Porque no primeiro período do encontro pôde o seu grupo chegar a 4-0, pareceu à maioria do público que talvez não fosse difícil exceder a margem de 6-0 verificada em Braga.

No entanto, tudo veio correr ao contrário do que se previa na bancada-gigante, e por isso a má disposição cedeu lugar ao exagerado optimismo.

Todavia, salvo outro sentir mais respeitável, julgamos que não andaram bem os simpatizantes do primeiro clube do Norte. O seu conjunto, em verdade, não teve o tino necessário para dominar os braccarenenses, de mais a mais numericamente inferiorizados, mas não era aquele o caminho a seguir.

Todos sabem que ao público cumpre animar os seus jogadores quando estes baixam de rendimento. Faz-se infeliz-

# na capital do NORTE

## TOMOU POSSE

a nova gerência do F. C. do Porto

COMO já deixamos dito, a nova gerência do F. C. Porto recebeu a aprovação oficial. E tomou por isso posse na última quinta-feira, perante a satisfação da massa associativa — que não desejava «despedir» os antigos dirigentes, mas pretendia ver o clube interessado em problemas futuros.

O acto de posse foi concorridíssimo, e isso nos indica indiscutivelmente que os adeptos têm esperanças nos trabalhos já denunciadas pela nova direcção. Pelo menos, palavras de fé foram ouvidas e delas se não pode por certo duvidar.

O principal clube da capital do norte tem problemas de maior importância a resolver. Até aqui, graças ao saudável esforço dos homens que abandonam os seus lugares, e entre eles é justo distinguir o dr. Miguel Pereira, presidente, Carlos Nunes, Pinto da Costa e Dias Ferreira, conseguiu o F. C. Porto resolver muitos casos que lhe interessavam. A questão do Estádio, por exemplo, levou o impulso que merecia. Mas para a frente há muitos caminhos a percorrer...

Julgamos os simpatizantes, e têm motivos para isso, que o novo presidente da Direcção,

Júlio Ribeiro de Campos, contribuirá com o seu prestígio pessoal para elevar mais ainda o nome do seu importante clube. No acto de posse, estiveram os assistentes suspensos da sua palavra, das suas categóricas afirmações. Júlio Ribeiro de Campos possui de facto categoria para confirmar em actos as suas afirmações optimistas.

Junto do presidente vão actuar também elementos conhecidos dos desportistas portuenses: os antigos praticantes e campeões Soares dos Reis e Carlos Mesquita; o engenheiro Mendonça, Dias Ferreira e António de Sousa. É com certeza um elenco capaz de dar garantias aos eleitores.

Nesta primeira demonstração oficial, estiveram na sede do F. C. Porto alguns nomes que ao agrupamento têm prestado os melhores serviços. O dr. Urgel Horta, prestigioso e dedicado, proferiu palavras repassadas de toda a sinceridade, palavras que foram aplaudidas com entusiasmo. O dr. Aureliano Braga, que empossou os novos directores, e o dr. Miguel Pereira, nome que ficará ligado às mais belas iniciativas dos campeões portuenses, já como seu presidente, já como adepto de uma só fé, endereçou a Júlio Ribeiro de Campos os votos de uma felicidade que se reproduzirá na alma clubista.

Partiu-se, portanto, um embaraço que chegou a provocar palavras de descrença. A demora na posse retardava a regular solução de muitos casos de interesse colectivo, figurando entre os mais importantes a entrada definitiva de Augusto Silva ao serviço da colectividade.

É esta uma pretensão firme da massa associativa do clube. Augusto Silva, é inegável, conquistou as mais francas simpatias, e tanto se prova pelo ar de pouco aplauso perante uma notícia que aventava a possibilidade de para o F. C. Porto vir um treinador inglês.

É à vista da nova gerência alguns assuntos que importa solucionar: manter o jogo sagrado quanto Estádio das Antas; melhorar, o mais possível, o grupo de futebol; e contribuir para que o treinador agrade como agrada Augusto Silva.

São os votos da boa imprensa. E de quem deseja que o desporto da cidade se afirme como é necessário. Não há outro propósito — da parte do representante de Stadium no Porto.

## Curiosidades...

O Candal apresentou na Constituição uma bela equipa de juniores, embora perdesse o jogo, em luta com o F. C. do Porto. Nós, que vimos o desafio, gostamos bastante dos rapazes de Gala. Só não nos agradou o protesto sobre o resultado. Não vimos, em boa verdade, motivo para protestos que já se não usam...

● Deverá ter tratado da «questão Augusto Silva» o novo Presidente da Direcção do F. C. do Porto. A reunião entre ambos efectuou-se no domingo, motivo porque nada poderemos dizer na altura em que escrevemos.

A actual gerência do F. C. do Porto, segundo nos informam, está disposta a trabalhar na organização de uma equipa na melhor categoria.

● Confirma-se que a «Volta a Portugal em bicicleta» será organizada com partida e chegada à capital do Norte. A Associação e a Federação de Ciclismo começaram a trabalhar no assunto.

● Dissemos em tempo, ao escrever sobre Dias Santos, que a última palavra acerca da sua transferência para o Sporting seria dada pelo F. C. do Porto. Assim aconteceu, na verdade...

● De vez em quando noticiam os jornais que reaparece no F. C. P. o jogador A ou o jogador B. O treinador Augusto Silva, lê e sorri... Se lhe perguntam quem joga, responde sempre do seguinte modo: — «Jogam onze...». Logo, as afirmações precedentes, são falhetas.

● Um candalense, amigo do humorismo, disse num café: «O grupo de juniores do meu clube vai ser reforçado com 4 aveirenses». Ao outro dia fartou-se de rir com a notícia publicada nos jornais...

● O novo jornal desportivo nortenho publicar-se-á sem dúvida alguma. O compasso de espera não eliminou a organização.

● A procura de jogadores bons é tão grande, que não falta quem se encontre na mesma estrada. Está a acontecer assim nos últimos dias...

● A massa desportiva portuense está um tanto ou quanto indiferente ao embate entre Portugal e Espanha.

● Quatroz, que foi do F. C. do Porto para o Académico de Vizeu, treinou recentemente no Campo da Constituição. A sua transferência foi feita à sombra da lei que transfere os estudantes e pode agora ser invocada...

● Esteve para se exibir em Tondela uma equipa do F. C. do Porto. A anunciada visita do Celta de Vigo desviou as negociações do seu curso.

● Os campeões nortenhos pediram à Federação licença para os seus jogadores em estágio actuarem contra os galegos celtistas. Claro que a resposta não podia ser outra: foi recusada.

● O Sporting de Braga procura um treinador. Já pensou em Severiano Correia, Artur Sousa e Artur Baeta.

# ACONTECIMENTOS DESPORTIVOS



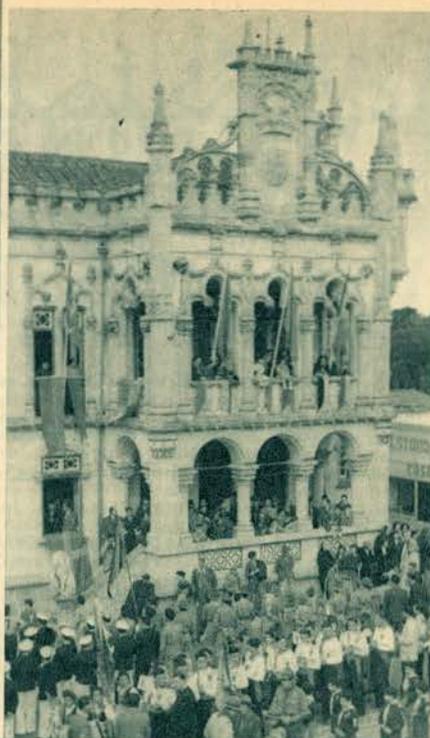
AS "POULES"  
DA S. H. P.



Aspectos das provas de domingo. De cima para baixo: O capitão Rhodes Sérgio, vencedor de uma das «poules» e os capitães Reimão e Silva no «Vouga» e José Carvalhosa na «Mondina».

«Frondeur», «Faneas», e «Castiço» foram os vencedores de domingo nas provas organizadas pela Sociedade Hípica, integradas nas séries que contam para a posse das taças «S. H. P.»-1950 e «General D. Fernando Pereira Coutinho».

As vitórias dos dois primeiros não nos surpreenderam e cabem perfeitamente dentro da lógica, atendendo ao seu valor comprovado em anteriores competições. O mesmo não podemos dizer de «Castiço» cujo triunfo não era de esperar não só porque não supunhamos viável a sua inscrição como também, porque, para o alcançar, bateu, e com brilho sem dúvida, cavalos de maior nomeada como «Optus», «Mondina», «Vouga», «Congo», e «Squalus», se excluímos «Estadão», «Rama» e «Flama».



**S**INTRA esteve em festa. Todo o concelho, as suas agremiações, as entidades locais, o povo, se uniu numa manifestação entusiástica aos novos campeões nacionais de hóquei em patins — o Hockey Clube de Sintra.

Formou-se um luzido cortejo onde não faltou a presença graciosa das raparigas dos Ranchos Folclóricos da região.

Nos Paços do Concelho de Sintra, rodeando o presidente do Município, estavam os srs. Ayala Boto, inspector dos desportos, representando o sub-secretário da Educação, dr. António Joyce, em representação do sr. Governador Civil de Lisboa, etc.

Tudo decorreu por forma entusiástica e num tocante ambiente de simpatia pelos campeões sintrenses, para os quais foi pedida, por entre calorosas ovações, a concessão da Medalha do Concelho. Focamos dois aspectos dessa manifestação, quando o cortejo se concentrou em frente da Câmara Municipal de Sintra e o almoço de confraternização.

**A**O engenheiro Abreu Nunes, presidente da Comissão de Turismo de Cascais, ofereceram os amadores da pesca desportiva um banquete que foi pretexto para lhe tributarem a sua gratidão e simpatia por todas as facilidades conseguidas, tornando possível desenvolver essa modalidade, que conta actualmente com tantos e tão apaixonados praticantes.



**J**USTÍSSIMA a todos os títulos, a homenagem recentemente prestada aos jogadores de basquetebol do Sport Lisboa e Benfica que, com muito brilho, ganharam o Campeonato de Lisboa, em primeiras, segundas e terceiras categorias, homenagem que abrangia, também, os jogadores da categoria de juniores, cujo comportamento no torneio lisboeta igualmente mereceu muito relevo.

O capitão do grupo de honra dos «encarnados», Homero Reis, agradeceu a homenagem em nome de todos os campeões. E Francisco Retorta, vice-presidente do Benfica, além de outros oradores, encerrou o banquete, com palavras de fé e confiança no futuro do clube.



O Vitória de Setúbal deslocou-se à Ilha da Madeira para uma série de encontros, a exemplo do que tem sucedido com outros clubes de Lisboa. O nosso cliché foca o momento em que os jogadores setubalenses

Eis os juniores do Vitória de Setúbal, que tendo conquistado o campeonato da sua região disputarão o Campeonato Nacional.



# É o nosso critério que deve prevalecer

diz-nos João de Brito

falando dos problemas da Selecção Nacional e dos desafios com a Espanha



Essa dificuldade parece-nos agora aumentada por motivo dos dois países — Portugal e a Espanha — terem os olhos postos no Rio de Janeiro. Creio, contudo, que os nossos rapazes vão mostrar tudo o que valem, empregando-se com redobrado entusiasmo, porque também eles sonham com a viagem às terras de Além-Atlântico.

— Quais os jogadores que constituirão a nossa equipa?

— Eu e os meus colegas que tomámos a cargo a espinhosa tarefa de seleccionar os jogadores que nos representarão nas eliminatórias para o Campeonato do Mundo ainda não temos nada assente sobre esse ponto. Posso-lhe dizer que a selecção será formada entre os seguintes jogadores: Barrigana, Virgílio e Alfredo, do F. C. Porto; Barrosa, Jesus Correia, Travaços e Albano, do Sporting; Serafim e Calado, do Boavista; Felix, Francisco Ferreira e Arsenio, do Benfica; Pacheco Nobre e Capela, da Académica; Serafim, do Belenenses, e Cabrita, do Olhanense.

— E Carvalho?

— Carvalho está doente. O médico proibiu-o de praticar qualquer exercício físico durante o espaço de oito dias, pelo menos. Temos pena que esse rapaz voluntarioso não possa viajar até Espanha.

— Seguem directamente para Madrid?

— Não. Partimos, amanhã, em avião especial, às 15 horas, para Aranjuez. Ficamos aí instalados até ao dia do desafio.

— E o regresso?

— O regresso a Lisboa faz-se na segunda-feira, directamente, para o Estoril.

— Os jogadores portugueses vão ao banquete?

— Tudo depende da atitude que tomarem os jogadores espanhóis. Constatou-nos que eles não tomarão parte no banquete. Se assim suceder, os jogadores portugueses também não comparecem.

— Conflia num bom resultado?

— Já lhe disse que o jogo é muito difícil. Confio que os nossos seleccionados se empenharão com redobrado entusiasmo. O resto é a sorte do jogo. Podemos ganhar e podemos perder. Mas é possível alcançar um bom resultado. Os rapazes estão bem preparados.

— Efeitos da preparação intensa, não é verdade?

— Sem dúvida. Tanto no estágio como nos treinos, os jogadores têm cumprido inteiramente as ordens que lhes foram dadas. A disciplina não tem sido uma palavra vã.

— Depois do encontro do próximo domingo, os jogadores prosseguem a preparação até aqui mantida?

(Continua na página 10)

**R**UMO a Espanha, partem amanhã de avião os seleccionados portugueses para mais um encontro com os representantes da Nação vizinha. Mais um Portugal-Espanha, e outro ainda oito dias depois, no recanto maravilhoso do Vale do Jamor.

Desta vez, porém, acima do interesse e do entusiasmo que sempre rodeiam as competições entre Portugal e a Espanha, um outro motivo existe de maior projecção — o Campeonato do Mundo. A missão é difícil. Muito difícil, mesmo. Mas, vencedores ou vencidos, os portugueses não-deixar honrada a camisola que envergam.

Há dias, procurámos João de Brito, membro do Comité de selecção. Amavelmente, o prestigioso dirigente atendeu-nos e de boa vontade nos prestou várias declarações.

— Que pensa sobre os encontros com a Espanha?

— Os jogos com os espanhóis são sempre difíceis.



## O CELTA DE VIGO VENCEU O F. C. DO PORTO

O Grupo do Celta que no domingo passado venceu o F. C. Porto por 3-1.

Simon, guarda-redes do Celta defende a soco, antecipando-se assim a Monteiro da Costa que está encoberto com o guardaião espanhol.

Após a marcação de um canto, Vatonzo, bem coadjuvado pela sua defesa, evita que a bola este à posse dos jogadores do Celta, destruindo o perigo que a jogada ocasionara.



## DESPORTO UNIVERSITÁRIO

Entre os grupos da Faculdade de Ciências (em cima) e de Económicas e Financeiras disputou-se o jogo final do Campeonato de Futebol Universitário. Triunfou a Faculdade de Ciências por 3-1.

BOXE FUTEBOL

OS dois combates importantes da semana, sob o ponto de vista internacional, realizaram-se nos Estados-Unidos. Primeiramente, bateram-se em Nova York, Willie Pep, veterano campeão de «semi-leves», e Ray Famechon, titular europeu da referida classe ponderal.

Famechon encontrou diante de si um adversário cauteloso, inteligente e experimentado, não conseguindo impôr-se. Pep, manobrando o francês com monótona serenidade e usando do seu ótimo directo esquerdo, frequentemente, marcou pontos sucessivos até ao fim do encontro. Todo o desejo de batalha acesa, alimentado por Famechon nos seis últimos assaltos, quebrou-se diante de um adversário com recursos pouco vulgares, mesmo entre os esgrimistas reputados.

A decisão, conferida por unanimidade, desagradou aos doze mil espectadores que encheram o Madison Square Garden, os quais entenderam que o espectáculo fora monótono por culpa do pugilista americano.

É provável que Famechon venha a medir forças com o preto Sandy Saddler, por agora o mais perigoso pretendente ao trofeu e que conta no registo uma vitória rápida sobre Pep.

\* O outro desafio notável travou-se em Montreal (Canadá) sendo adversários Roberto Willemain e o cubano Kid Gavilán, de cartaz muito apreciado. Apesar do europeu levar quatro quilos e meio de vantagem, Gavilán atacou com grande decisão nos primeiros rounds, sacudindo Willemain com golpes duros ao rosto e abrindo-lhe vários ferimentos; todavia o francês aguentou o castigo, de tal modo que na segunda metade do jogo adquiriu ascendente e retribuiu os golpes recebidos, arrancando uma vitória aparentemente comprometida.

\* Em Los Angeles, Manuel Ortiz, detentor do título mundial de «levisimos» e provavelmente breve adversário do campeão de Espanha e da Europa, Luis Romero, ganhou ao preto Harold Dade, por escassa vantagem de pontos. A decisão do árbitro, favorável a Dade, acabou por ser alterada pelos outros componentes do júri, com certo escândalo público.

\* Joe Louis anunciou que regressa à actividade e prepara-se para disputar o título a Ezzard Charles. Esta notícia, aliás mais ou menos lógica, confirma as dificuldades financeiras do antigo Rei do Ring, incapaz de comprimir as suas largas despesas.

FICARAM apurados finalistas da Taça de Inglaterra, os populares grupos de futebol Arsenal F. C. que derrotou o Chelsea, depois de um empate providencial, graças à inspiração de Roy Bentley, e o Liverpool, vencedor de Everton na segunda meia final. O encontro entre o clube de Londres e o do conhecido porto inglês realizou-se-á, como é hábito no cenário imponente de Wembley.

A Áustria não obstante jogar em casa não conseguiu derrotar a Suíça, no encontro realizado em Viena. Ao intervalo os helvéticos estavam a perder por 3-0 mas, na segunda metade reagiram e fizeram o empate.

RUGBY

NO encontro internacional que se celebrou entre os grupos representativos da Escócia e da Inglaterra, disputado no campo de Murrayfield, os escoceses venceram por 13 pontos a 11.

ATLETISMO

ROGER Bannister, corredor de meio-fundo especializado na légua e representante da Universidade de Oxford, conquistou o título de campeão inter-escolar da referida especialidade.

Bannister percorreu os 1.609 metros em 4 minutos 14,8 segundos e Oxford ganhou a Cambridge por 44 pontos a 28.

CICLISMO

A PESAR de velho, o glorioso velocipedista Gino Bartali conquistou uma vez mais o primeiro posto na importante corrida Milão-San Remo. Os preságios que favoreciam o seu rival Fausto Coppi, foram desmentidos em absoluto, pois Bartali triunfou na arrancada decisiva, dominando o seu compatriota Longli, por um comprimento.

O percurso, de 290 quil., foi coberto pelo ás italiano à média de 38 quil. 553, no tempo de 7 horas 18 minutos e 52 segundos.

Van Steenberghe, notável corredor belga, bateu-se como um leão mas a sorte atraçou-o: Duas avarias reduziram-lhe os meios, acabando por ser vencido no sprint final, depois de uma competição que não passará à posteridade como sensacional.

EDDIE HAPGOOD, antigo defesa-esquerdo do Arsenal e figura importante do futebol inglês, pois capitaneou o «conze» de Inglaterra trinta e quatro vezes, voltou à primeira página dos jornais.

Hapgood, como muitos outros profissionais da bola redonda, ao abandonar a actividade dedicou-se à missão de «manager» e dirigiu o grupo dos Blackburn Rovers, passando, em Fevereiro de 1948, para o Watford.

Nesta última qualidade, da qual se desligou agora, por desentendimento com a direcção do clube, produziu muito bom trabalho, conforme os resultados obtidos durante as duas últimas épocas inofensivamente confirmam. Watford, tendo eliminado Preston North End, na terceira ronda da Taça de Inglaterra, sucumbiu com galanteria na terceira ronda da Taça de Inglaterra, sucumbiu com galanteria na gola de diferença marcado no último minuto.

Quase todos os matches disputados no terreno do clube foram ganhos pelos rapazes de Watford e apenas três lhe saíram desfavoráveis.

Apesar de tão brilhantes sucessos, a pretexto de Hapgood ter alterado a constituição do grupo na ausência de um dos directores, criou-se um estado de espirito verdadeiramente desassoçado, que levou à dispensa do famoso internacional.

Este caso tem sido bastante comentado nos meios futebolísticos ingleses, porque põe em foco as dificuldades e os trabalhos que se deparam com frequência aos «managers», ocasionados pelo conflito de opiniões acerca dos elementos seleccionáveis.

Cada cabeça, cada sentença. Lá, como aqui, temos visto debaterem-se, esforçadamente, critérios opostos, comanditados, em regra, pelo factor simpatia ou antipatia, de preferência a outros mais valiosos.

Um clube muito popular português, ainda há poucos meses, julgava erado o juízo do preparador do seu grupo-mór, depreciando o julgamento desse mesmo preparador, e hoje, conquistada uma posição de relevo já as bocas se calam.

Como disse, algures, o escritor Daudet: as opiniões são como pregos; quanto mais se batem mais se entranham. O caso de Hapgood, apaixonando algo a imprensa britânica, é mais outro exemplo, a juntar àqueles já conhecidos. Mas, o que torna este acontecimento digno de consideração é a qualidade da vítima, pois Hapgood pertence ao grupo reduzido das figuras históricas do futebol inglês — pela competência, brio e dignidade desportivas.

OS recordes são como as modas femininas; passam depressa. Não se apagaram, ainda, da memória do leitor as manifestações de espanto, sem dúvida justificadas, que se levantaram pelo Mundo quando os nadadores japoneses, Hashizume e Furuishi, participando no Campeonato dos Estados-Unidos, derrubaram três importantes «tempos», de sólida reputação. Gastaram-se, como é da praxe, os adjectivos e as figuras de retórica, para glorificar os feitos dos tritões nipónicos, chegando-se ao ponto de investigar o estilo desses tritões revolucionários, na esperança de descobrir segredos extasiantes. O menos que não se disse, foi que durariam demoradamente na tabela dos feitos máximos.

Ora, estamos no limiar do seu derrube e, parece impossível, essa queda dever-se-á a um jovem prodígio de 19 anos, John Marshall que pulverizou em Fevereiro nada menos que oito recordes mundiais de natação (estilo livre). Marshall, de nacionalidade australiana, encontra-se a estudar na Universidade de Yale e na última tentativa conseguiu a marca excelente de 4 minutos 34,8 seg., para os 400 metros (estilo livre), que Furuishi baixara em Los Angeles, até 4 minutos 33,3 seg..

Marshall está em ótima forma, parecendo que tem ao alcance o êxito que ambiciona. Nos últimos Jogos Olímpicos classificou-se em 3.º lugar, nos 400 metros, e 2.º nos 1.500 metros, podendo — mesmo que sejam menos frutuozos os seus esforços — conseguir aproximar-se dos nadadores asiáticos.

As proezas natatórias encontram-se em franco desenvolvimento. Assim, Bob Brawner, entrou em cena como bruciasta de importância, reduzindo o recorde de Joe Verdeur (20 jardas) para 2 minutos e 13,1 seg.. A Holanda apresenta uma ondina de 15 anos, Geertje Wielema cujo tempo na distância de 100 jardas (costas) baixou para 64,6 segundos, algo de fenomenal, embora menos do que tem conseguido em 400 metros.

Resumindo: O que ontem parecia inacessível está agora ao alcance de praticantes muito jovens, donde se conclue que a natação, no capítulo das proezas admiráveis não esgotou o seu reportório e pode ir muito mais além. A adaptação é um fenómeno conhecido, mas o sentido dos números, por demasiado estático, causa-nos surpresas, rapidamente desvanecidas, também.

# Como Barrosa vê o jogo com a Espanha

(Continuação da página 5)

lias que usufruimos. Assim, o lema que impera no espírito de todos, é o do cabal cumprimento às determinações dadas.

«O Estoril, nesta quadra do ano é um lugar convidativo e que serve perfeitamente ao fim em vista. As instalações são magníficas e, como fugimos do ar marítimo, preferindo o ar saudável da serra de Sintra, os efeitos têm sido benéficos. Com excepção dos sábados e 2.<sup>as</sup> feiras, todos os dias de semana nos deslocamos ao Estádio Nacional, mantendo-se desta forma a boa condição física e técnica dos seleccionados.»

«Quanto às sessões de ginástica, têm sido sobremaneira proveitosas. Basta que te diga isto: Se a ginástica que nos é ministrada nos clubes fosse idêntica à do estágio, muito melhor seria a condição física dos jogadores e, portanto, a melhoria do futebol praticado, sob o aspecto de presença viril e combatividade, muito mais acentuada. Um exemplo significativo: Na primeira semana de ginástica no estágio, todos nos ressentimos.»

As palavras são como contos de um rosário e, assim, nova pergunta surgiu:

— Sem indicares nomes, que res dizer-me a que critério subordinarias a formação da equipa?

— Quanto a mim, o grupo escolhido para o jogo de Madrid deve ser diferente daquele que alinhara no Jamor.

Ante o nosso ar admirativo, vem a explicação pronta:

— O primeiro encontro deve ser de «choque». Portanto, a equipa deverá ser constituída à base de poder físico das suas unidades e não da habilidade de cada um. Em Madrid, a pugna será difícil, pelo meio-ambiente e pelas características especiais que lhe imprimirão os seleccionados espanhóis. Sem olvidar que em futebol tudo pode acontecer, desde a vitória nítida até à derrota sem apelo, não é excesso de confiança admitir a possibilidade de um empate, — resultado bom, sem dúvida. Tendo os nossos rapazes fôlego e pernas para durarem mais de 90 minutos — o que se deve conseguir até lá, — não é estultícia minha supor que o andamento do jogo pode trazer surpresas. É quase certo que a primeira vintena de minutos será de «tudo por tudo», por parte do nosso adversário. Se for possível contrariar-lhe as intenções, com firmeza, ânimo, consciência do valor próprio e, também, com a sorte da nossa banda — aliada preciosa que tantas e tantas vezes muda o curso de embate — encaro como admissível, uma actuação em cheio da turma lusitana, que saberá, então, explorar como se impõe, a desorientação que há-de lavar, fatalmente nas hostes contrárias, vendo ruída aquela confiança e sonho ledo que vivem vivendo de há muito.

E a concluir o seu pensamento: — Sustento que o jogo em Chamartin é difícil e que a melhor tática a seguir por nós, será a de defesa e precaução,

para conter a «fúria» espanhola, tolhendo-lhe os movimentos ofensivos, desbaratando-lhe a urdidura dos lances pré-concebidos e agindo com prontidão e fulgurância no ataque para não se perderem, ingloriamente, as oportunidades que com tacto e calma se háo-de criar com vista ao resultado que pretendemos. Daí a minha afirmação de que a equipa deve ser constituída por unidades propensas a sustentar com galhardia 90 minutos de jogo rijo.

«No encontro do dia 9, em nossa casa, com o generoso e apaixonado público português a apoiar a equipa, já o critério pode e deve ser outro: selecção com jogadores habilidosos e desconcertantes na concepção das jogadas a construir um resultado positivo para as nossas cores, aliecerado num padrão de jogo que não nos deslustrará.»

— Quanto a camaradagem, que res pronunciar-te? Inquirimos.

— Quero, — foi a resposta. Todos nos damos bem e mesmo aqueles que pela primeira vez foram convocados, já estão integrados no ambiente de estima que reina no estágio. Todavia, recorro com muita saude os meus antigos companheiros de outras seleções, lastimando que o decorrer do tempo os tenha afastado definitivamente da actividade. Entre outros, Carlos Pereira, Albino, Mourão, Pinga, Cardoso, Rafael, Espírito Santo, Amaro, João Cruz, Peyroteo e Soeiro, foram camaradas de luta que souberam compreender, sempre, a finalidade de uma representação nacional e que jogando a «sério» e com todas as energias que possuíam, punham na luta o coração e a «raiva» dos bons portugueses!

— Espera ser titular?

— Sim, espero ser titular na equipa. Tenho dado provas de que sou capaz de envergar, por direito próprio, a querida camisola das «quinas».

— Em que lugar?

— Seja qual for o posto que me derem, aceitá-lo-ei disciplinadamente e porei todo o empenho na luta para bem o desempenhar, cumprindo com orgulho, o dever que é grato à minha alma de português, de defender até ao limite máximo das minhas forças, a bandeira e o prestígio da nossa abençoada terra!

Portanto...

— Futebol é futebol. Se o resultado de Madrid for um empate

ou uma derrota por escassa diferença, o moral e a convicção do nosso valor, ajudarão a construir um resultado que satisfará a todos e nos levará a Paris. Ai, campo neutro, seriam grandes as possibilidades de seguirmos a esteira de Pedro Álvares Cabral, chegando vitoriosos ao maravilhoso Brasil!

Aproveitando o ensejo, abordamos o problema da actualidade, o profissionalismo. Barrosa diz que...

— O profissionalismo é uma realidade em todo o mundo. Se a sua implantação se verificar no país, a melhoria do nosso futebol subirá 50% em pouco tempo. Reconheço ser difícil que vingue essa aspiração de muitos milhares de almas, não só pela mutação que operaria na orgânica vigente, mas também, porque a nossa mentalidade é refractária, — regra geral —, a inovações que alterem profundamente situações já criadas. Este assunto daria para falar durante muitas horas. Limito-me pois, a deixar aos outros, aos responsáveis pela direcção do nosso futebol, a solução mais aconselhada. No entanto, afirmo, ainda, que se tivesse 9 anos menos, isto é, 20, não me importaria de ser profissional da bola, mas com uma remuneração digna e não como a que se percebe actualmente, em que o esforço do atleta durante o prélio — com as consequentes obrigatoriedades de preparação — não é retribuída devidamente, em monetário, pelo clube. E digo isto, com tanta afoiteza, quanto é certo, que não sou parte interessada.

E um desabafo:

— O futebol é uma grande força e devo-lhe muito. Firme a minha vida profissional, mercê das ótimas relações que a bola me proporcionou. O meu caso não é único, é de tantos, e de mais seria, se a ponderação não se tivesse afastado de muitos cérebros que se mostraram relapsos a pensar no dia de amanhã.

Nada mais havia a inquirir. Barrosa, que pensou um dia licenciarse em direito, tendo obtido aprovação no exame de admissão a essa Faculdade, dedica-se ao comércio e tem o seu futuro assegurado. Joga futebol por vocação, prazer espiritual e amor ao seu querido Sporting que tem nele um dos seus mais representativos valores.

Assim, as suas declarações desassombradas, têm sabor especial.

# Fala o seleccionador João de Brito

(Continuação da página 13)

— É necessário que assim seja. Se o jogo de Espanha é difícil, o que se efectua no nosso belo Estádio não é também fácil. Por isso, assim que regressarmos ao Estádio também não é fácil. Porção. Faz-se de conta que o jogo de Chamartin não foi mais de que um encontro do nosso Campeonato. Os jogadores foram dispensados e, na segunda-feira, regressaram ao estágio, como é hábito...

— Por que foram dispensados Vasques e Rogério?

— Os dois jogadores não se encontravam em boa forma. Deduzimo-lo dos jogos do Campeonato. As características dos nossos adversários impõem que a selecção portuguesa seja servida por elementos de fibra, lutadores, que não receiem o choque. Não pretendemos jogadores violentos. Isso, não! Mas pretendemos jogadores que se deem à luta com o mais vivo entusiasmo e não fujam ao choque com o adversário, se este lhe for imposto.

— Outra pergunta, sr. João de Brito. A imprensa tem-se referido ao esquecimento de certos elementos. Que pode dizer-nos a esse respeito?

— O Comité de selecção convocou os jogadores que, quanto ao seu critério, melhor podiam servir a equipa. Estamos convencidos que escolhemos os melhores. Critérios são critérios! Se somos nós a escolher, cremos que é o nosso critério de selecção que deve prevalecer. Podemos estar enganados. Mas posso afirmar-lhe que estamos de bem com a nossa consciência. Escolhemos os jogadores que estão em melhor forma e que podem representar condignamente o nosso País.

— Então não nos diz qual a formação que se apresentará em Espanha?

— Dir-lhe-ia de bom grado se o pudesse dizer. Não posso. E assim tem sido sempre, afinal. Cá em Portugal, como em Espanha, os grupos só têm sido conhecidos na altura dos desafios. E ainda faltam cinco dias...

Despedimo-nos do sr. João de Brito, depois de lhe termos desejado felicidades, para ele e para os seus colegas do Comité, neste momento em que o Futebol Português volta a ser chamado a missão de extrema dificuldade.

Vencidos ou vencedores, os nossos rapazes, sempre garbosos, háo-de batalhar denodadamente, háo-de representar com o mesmo brio a camisola que envergam, a camisola que é uma honra, mas que é também uma pesada responsabilidade.

FERNANDO PIRES

**ARCADIA** DANCING DE LUXO

Apresenta num extraordinário programa de atracções

**CARMEN OLMEDO y su BALLET**  
**HISPANO-AMERICANO**

Olga Mendoza — Mary-Mely — Hermanas Govescas —  
Luisa Royo — Hermanas Baron — Zoraida — Hermanas  
Avila — Carmen Del Mar — Mary Arilla  
As elegres orquestras MELODY BOYS  
com ALBINO GOMES

**ARCADIA com HERLANDER**

**“STADIUM”**  
publicará  
no próximo número  
UMA REPORTAGEM COMPLETA  
E MUITO ILUSTRADA DO  
**PORTUGAL - ESPANHA**  
tendo em Madrid  
TAVARES DA SILVA, AMADEU  
FERRARI E OUTROS COLABORADORES E FOTOGRAFOS

# Stadium

## Os "internacionais" de Espanha

para os desafios contra Portugal  
no próximo domingo em Madrid  
e em Lisboa a 9 de Abril



O seleccionador espanhol de futebol **GUILLERME IZAGUIRRE**, que, como praxeiramente, em tempos antigos defendeu as balizas espanholas.



**INACIO IZAGUIRRE**, guardador do Valencia. Tem 25 anos, pesa 30 quilos e tem de altura 1 metro 78, 11 vezes internacional.



**ASENSI**, defesa-linha do Valencia. Idade, 26 anos. Pesa, 77 quilos. Altura, metro 77. 4 vezes internacional.



**RIERA**, defesa-central do Atlético de Madrid, e o jogador mais alto da equipa, pois mede 1 metro 86. Pesa 76 quilos, em 29 anos, e é internacional duas vezes.



**GONZALVO II**, defesa-esquerda do Barcelona. 29 anos, 63 quilos de peso, tendo de altura 1 metro 64. Uma vez internacional.



**PUCHADES**, médio-esquerdo do Valencia. Grande classe. Tem 24 anos, pesa 74 quilos e mede 1 metro 76. Quatro internacionais.



**GONZALVO III**, médiodireito do Barcelona. Tem 23 anos, pesa 60 quilos e mede 1 metro 68 de altura, 7 vezes internacional.



**BASORA**, ponta-direita do Barcelona. É o mais jovem dos seleccionados, conta 23 anos. Pesa 66 quilos e tem 1 metro 69 de estatura, 2 vezes internacional.



**MOLOWNY**, interior do Real de Madrid. 24 anos, pesa 70 quilos, e tem 1 metro 71 de altura.



**ZARRA**, avançado-centro do Atlético de Bilbao. Tem 23 anos, pesa 60 quilos e mede 1 metro 78. Nove vezes chefe de ataque espanhol.



**PANZO**, médiodireito ou esquerda do Atlético de Bilbao. Tem 28 anos, pesa 71 quilos e mede 1 metro 77. Quatro vezes internacional.



**GANZA**, extremo-esquerdo do Atlético de Bilbao. Duas vezes internacional. Tem 27 anos, pesa 68 quilos e a altura é de 1 metro 67.



**ACEA**, guarda-redes do Deportivo de Coruña. Tem 27 anos, 79 quilos e 1 metro 72 de altura. Escolhido pela primeira vez.



**PARRA**, defesa-central do Espanhol de Barcelona. Muito jovem, foi escolhido pela primeira vez.



**LOZANO**, defesa-esquerdo do Atlético de Madrid. Tem 26 anos, pesa 63 quilos e mede 1 metro 68. Seis vezes internacional.



**NAVARRO**, jogador que faz todos os lugares. Foi escolhido ao Real Madrid e foi designado como chefe. Tem 20 anos, mede 1 metro 73 e pesa 73 quilos. Escolhido pela primeira vez.



**SELLÉ**, médiodireito do Atlético de Madrid. 23 anos. Pesa 65 quilos e tem 1 metro 74 de altura. 2 vezes internacional.



**PECTORA**, média do Real Sociedad de San Sebastián. 29 anos. Pesa 62 quilos e a altura é de 1 metro 67. Foi uma vez internacional.



**BOCE**, interior-direito ao serviço do Valencia. 27 anos. Pesa 74 quilos e mede 1 metro 71. Internacional 5 vezes.



**HERNANDEZ**, interior-linha do Espanhol de Barcelona. 30 anos. Pesa 70 quilos. Altura, 1 metro 67. Foi duas vezes internacional.



**SEGUÉ**, extremo-esquerdo do Valencia. Escolhido pela primeira vez.